



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras a partir das 20:00 horas

ANO 65 - NÚMERO 560 - JUNHO de 2004

CERJ
Boletim

IMPRESSO

Pico Grande de Magé

CERJ e CEC juntos novamente nesta excursão



Galera do CERJ e do CEC no Pico Grande de Magé



EXPEDIENTE 2004

Presidente:

Waldecy Mathias Lucena

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Paula Aprigliano

2 - Vanina Zini Antunes

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

Fernando Fajardo

Diretora Social

Miriam Gerber

Auxiliar Dr. Social

Salomyth Smith

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio

Diretor de Divulgação

Guido Ferraz

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Luiz Antonio Puppim

ASSEMBLÉIA GERAL

Presidente

Jose Carlos Muniz Moreira

CONSELHO FISCAL

MEMBROS EFETIVOS

Sílvia Noronha

Ronaldo Paes

Nino Bott de Aquino

Boletim Informativo do CERJ:

Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que mencionada a fonte



Uma das poucas coisas que está salvando nossa Abertura de Temporada é a barraca do CERJ. O que era para ser apenas uma confraternização inter clubes, virou uma festa de interesses que vão de encontro aos ideais de nosso esporte. O mais legal foi nossa pequena, mas emocionante, homenagem ao Paulo Boaventura Neto (Pauleca) e ao Cláudio Leuzinger na entrega dos diplomas de Sócios Beneméritos do CERJ. Já gostei quando mandei um e-mail para o Leuzinger perguntando se ele poderia vir de Brasília para nossa abertura e ele respondeu que no dia seguinte estaria comprando a passagem. Conforme proposta encaminhada por mim ao Conselho Deliberativo que se reuniu em novembro, foi aprovado por aclamação a entrega dos Diplomas a eles. Na entrega discurssei sobre o simbolismo que aquele diploma carregava, que na verdade, nós da atual diretoria estávamos entregando estes Diplomas para TODOS os Cerjenses da velha guarda que contribuíram para o nosso CERJ e principalmente, para a compra da nossa sede.

O montanhismo como todos sabem é um esporte de risco, pois está se lidando com adversidades da natureza. A maioria dos riscos de nosso esporte podem ser minimizados. Prancheta para a Serra dos Órgãos ou Itatiaia no verão para mim é uma loucura, mas no inverno é perfeitamente normal. Eu, Arthur e Elias passamos sufoco com os alunos do CBM ao acamparmos na base da rampa final do Cabeça de Dragão em Salinas. Pegamos uma tempestade que há muito eu não via na montanha. Consultei dois *sites* meteorológicos e a tormenta estava prevista para domingo à noite (nos pegou no sábado à noite). O que aconteceu foi uma adversidade natural do nosso esporte. Cair escalando faz parte, o que não faz parte é uma corda se romper ou algo parecido. Grandes montanhistas com anos de experiência sabem muito bem do que eu estou falando, duvido que um desses nunca tenha passado um sufoco dessas proporções. Penso que para minimizar esses acontecimentos deve-se freqüentar caminhadas e escaladas bem leves e pela cidade do Rio, onde há um escape mais rápido e as tormentas são menores. Mas com certeza deixarão de aproveitar o melhor no montanhismo: Serra dos Órgãos, Itatiaia, Salinas, etc. Acho que o bom mesmo é jogar xadrez!

Waldecy Mathias Lucena

Presidente CERJ



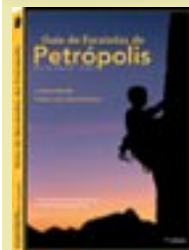
VIA CERJ

Desde a edição passada do nosso boletim, estamos publicando um croqui das vias conquistadas pelo CERJ ao longo dos anos. Escolhemos para o boletim desse mês a Via CERJ, conquistada em 1970, na Face Norte do Capacete, em Salinas – RJ não só pelo motivo de ser uma grande e clássica via, mas também porque em 27/03/04 ela sofreu uma reforma autorizada pelo CERJ, que foi perfeitamente executada pelos escaladores Ivan Calou e Jean Pierre.

Conquistadores: Cláudio Vieira de Castro, José Luis Barbosa da Silva, José Bezerra Garrido, José Roberto da Costa e Reynaldo Pires Ferreira.



Data	Atividade	Tipo	Responsável
05 de Junho	Pico da Tijuca via Costão	Caminhada leve Superior com lances de 1° e cabo de aço	Wal
05 de Junho	Paredão Joana (Morro da Boavista)	Escalada 2°	Taino
06 de Junho	Pedra da Gávea	Caminhada Semi-Pesada	Puppin
06 de Junho	Paredão Olimpo	Escalada 3°	Taino
06 de Junho	Paredão Jorge de Castro	Escalada 2°	Jana
12 de Junho	Passagem dos Olhos	Escalada 2° II Sup	Júlio
12 e 13 de Junho	Passagem dos Olhos (Bivaque)	Escalada 2° II Sup	Taino
13 de Junho	Paredão Vermelho	Escalada 2° IV	Júlio
19 de Junho	Dedo de Deus Leste (Maria Cebola)	Escalada 3°	Júlio
19 de Junho	Paredão Arnesaknussen	Escalada 3° IV Sup	Taino
20 de Junho	Paredão K2	Escalada 4° V	Taino
22 de Junho	Escaladas na Década de 50	Palestra	Nélson Bravi
26 de Junho	Paredão Iemanjá	Escalada 3° V	Taino
27 de Junho	Paredão Jorge de Castro	Escalada 2° II Sup	Taino
11 de Julho	Paredão XV de Novembro	Escalada 3°	Jana



Guia de Escaladas de Petrópolis

São mais de 200 vias, distribuídas por 33 montanhas da cidade; cerca de 90 croquis e diagramas vetorizados digitalmente; mapas escalonados da região; e muitas fotos históricas, de ação e de todas as paredes com o traçado de suas rotas.

Junho

- 01 - MICHEL DOS SANTOS BITANA**
- 06 - CLAUDIO ROGERIO VINCENTI**
- 08 - CELSO GOMES MARQUES DA SILVA**
- 16 - LUCY MARY S. SOUZA**
- 17 - JAIR LOURENCO**
- 17 - NATASCHA KNEPSKY**
- 19 - LEIA DE MACEDO ROCHA**
- 24 - IRENE TRIGONA**
- 27 - DEBORA PESSANHA DE ARAUJO**
- 28 - ALDA CONCEICAO ANDRADE**
- 28 - NORMA DE ALMEIDA**
- 28 - SABINE BARBARA PABST**



O ápice foi sem dúvida o cabo de guerra, com o coronel Rogério comandando nossos denominados heróis espartanos: Vanina, Puppy, Pierre, Rogério e Lucy e nossa torcida cerjense, com o nosso grito de guerra "Chopp, Chopp, Chopp", levamos o Cerj a derrotar o penta-campeão Guanabara. Antológico! Mais Chopp, Chopp, Chopp. Contra o Carioca, foi brabo, ficamos dez minutos empatados, até que, com a força da nossa torcida, Chopp, Chopp, Chopp, vencemos! Novamente antológico. Fomos pra final contra o pessoal do CNM de Niterói. Como era final, o grito de guerra passou pra Show, Show, Show! Ganhamos, mas na hora, uma fiscal nos desclassificou, pois havia um participante

a mais, impossível! Não pode ser! Mas era o Zé! Pediram pra ele segurar o cabo e ele foi lá e segurou. Agora é esperar o próximo ano. Fomos "bebemorar" com o pessoal de Niterói. O que importa não é ganhar e sim beber! Fim de festa e lá fomos pra saideira no Laguna, mais chopp, chopp, chopp! Antológico!

Do célebre filósofo Victor Vaporupi: Beleza interior a gente só conhece cutucando.

Demonstração de afeto e carinho do Zé com o mundo: Em fração de segundos, você recebe um beijo na testa, suvaco na orelha e beijo na teta...

Palestra do Carauta

No início do maio tivemos uma palestra do Prof. Pedro Carauta, um renomado botânico e guia da velha guarda Cerjense. Carauta começou sua palestra discursando sobre a biodiversidade fluminense e sua importância no mundo. Colocou a humanidade lá embaixo, contando como estamos destruindo o nosso planeta, mas resalvou que ainda há como salvá-lo. Interessou-se pelo trabalho do Sávio de reflorestamento do Pão de Açúcar, falou sobre a Floresta da Tijuca e nos prometeu uma prancheta de aula em campo. Na biblioteca do CERJ existe um livro sobre as figueiras do Brasil, escrito pelo Carauta, e inclusive existe uma figueira com seu nome.

CBM

E mais um Curso Básico de Montanhismo está se findando. O nosso muito obrigado aos guias do CERJ que deram as aulas teóricas, Wal, Julio, Miriam Jourdan, Elías e a nossa amiga, Simone Ayres por mais uma ótima aula de primeiros socorros. Também agradecemos aos guias e alunos da ETGE que nos ajudaram com as aulas práticas e ao Gustavo Moulin que compareceu maciçamente nas aulas práticas, além da galera que emprestou material para a aula de acampamento no Cabeça de Dragão.

DEDO DE DEUS

No dia 22 de maio aconteceu a primeira investida ao Dedo de Deus para colocação de cabos no tramo final da caminhada de acesso a via Teixeira. Compareceram o Renato Moura (C.E. Light), Chiarelli (FEMERJ) e pelo CERJ, Wal (coordenador do GT PNSO), Paula Santos, Miriam Bamos e Constantino. Esses abnegados montanhistas subiram com 75 metros de cabo de aço, 40 clips e oito grampos. Haverão outras incursões para a fixação dos cabos. Foi batido um grampo no início da artificial da via ao lado da Chaminé das Pedras Soltas para possibilitar a subida em artificial e futuramente serão retirados os grampos e as precárias cordas que equipam a Chaminé.

Equinox
www.equinox.com.br

Buenos Aires 41/ 2º andar tel: 2223-1573

Attack 60 litros
Adaptada para cantil flexível
Bolsa frontal expansível
cinto e costas revestidos com tecido aerspacer
costas estruturadas com placa de hdpe e EVA
acesso ao compartimento principal também por zíper longitudinal
fitas para compressão e transporte de material
Cordura Plus 500

MONTANHISTA ORIENTADO Nº 2

A escala de uma carta ou mapa é responsável pela representação mais geral ou mais específica dos elementos cartográficos neles contidos. É como se a escala tivesse o poder de aproximar ou afastar a nossa visão da superfície representada, sem que os elementos perdessem as suas proporções.



Daí, podemos dizer que a escala é a relação entre a medida de um lugar ou objeto representado no desenho e sua medida real no terreno.

A escala pode ser apresentada de duas formas: numérica ou gráfica. A numérica é representada neste formato: 1:50.000, onde, pronunciamos, neste caso, "um para cinquenta mil". Isto significa que o objeto no terreno é 50.000 vezes maior que no desenho. Exemplo: Se uma estrada tem 1cm na carta de escala 1:50.000, quer dizer que esta estrada tem 50.000cm no terreno, que é igual a 500m. Tome muito cuidado com as unidades, ao trabalhar com escala numérica, elas podem te confundir na hora das transformações. Na escala gráfica (ou linear), a representação de distâncias no terreno é expressa através de uma linha reta graduada. Esta linha é constituída de dois segmentos: um à direita da referência zero, conhecido como "escala primária" e outro à esquerda, chamado de "talão". O talão é a subdivisão da escala primária e é graduado da direita para esquerda, a partir da marcação zero.

Importante: A escala é chamada de pequena quando nos afasta da superfície representada, e com isso podemos ver uma porção maior do terreno representado com um menor nível de detalhe. Da mesma forma uma escala grande é aquela onde nos aproximamos da representação, enxergando uma parcela menor do terreno representado com maior nível de detalhes. Assim, 1:10.000 é maior que 1:50.000.

Para que serve a escala gráfica numa carta? Através dela você pode facilmente estimar distâncias no terreno. Mede-se uma distância, por exemplo, entre dois pontos na carta utilizando qualquer objeto que você tenha em mãos (uma linha, um pedaço de papel, lápis, capim, cordelete, dedo, etc.) e em seguida, compara-se este tamanho sobre a escala gráfica e estima-se à distância entre estes dois pontos.

Muito cuidado ao se tirar uma cópia (xerox) de uma carta, pois se esta sofrer redução ou ampliação, a escala numérica (1:10.000, 1:50.000 etc) não mais será verdadeira, tendo que ser novamente calculada. No entanto, a escala gráfica continua valendo e pode ser utilizada normalmente, pois esta reduz ou amplia-se proporcionalmente com os desenhos da carta.

No exemplo da figura, podemos ver que cada quadrícula na carta 1:50.000 tem 2.000m



Elías Ribeiro de Arruda Junior

E no primeiro domingo de maio tivemos mais uma Abertura de Temporada. Desta vez homenageamos com o título de Sócio Benemérito o Pauleca e o Leuzinger, grandes figuras da velha guarda Cerjense, que deram o sangue pelo clube, e que hoje, estão afastados do clube por motivos diversos, mas mantêm um senso de humor e uma simpatia contagiante. Foi uma cerimônia simples mas tocante. Gostei de mais. Teve também o Hermano Fontão de Friburgo, velhinho simpático que participou da primeira repetição do Pico Maior de Friburgo com o Sylvio Mendes e o Salomyth. Uma hora, na barraca do CERJ, o velhinho me mostrando o seu livro de fotos desta escalada, vi uma foto do Salô numa enorme chaminé (Chaminé da Fome), corda acima, presa em nada, e passada na cintura. Fontão me falou: “- Já estava anoitecendo e ninguém queria fazer o lance, o Salô falou, deixa comigo! E lá foi ele”. Por coincidência, o nosso mestre Salô estava na minha frente conversando com outros, rindo daquele jeito dele. Fiquei só sacando ele – o cara é sinistro!!!

A barraca do CERJ permaneceu lotada por todo o dia. O CNM, Clube Niteroiense de Montanhismo se juntou a nós já que não tinha barraca. Tudo certo, o CERJ é igual a coração de mãe, e a galera de Niterói é Show! O Cerj's bar foi transferido para a praça, e naquele isopor pequenino vendemos 180 latas de cerveja! Não é à toa que no cabo de guerra o nosso lema era: chope!!! chope!!! chope!!! Da velha guarda do Carioca, tivemos a visita do Tadeusz e da Cyonira e do Schuster (Chuchu). Foi legal o encontro dele com o Carrô. O Schuster ficou um tempo olhando para ele sem reconhecê-lo. Quando houve o reconhecimento, foi só abraços, bem legal. Relembaram da disputa para ver quem chegava primeiro no Platô Íbis. Oh Carrô, escreva para o boletim sobre essa história que é bem legal.

Para nós montanhistas, a Abertura de Temporada é um evento especial, pois é a chance de encontrar os amigos, rever os antigos, fazer novas amizades, botar o papo em dia, e rir muito com os amigos, tal como é na montanha...

Waldemar Mathias Lucena



**REGRAS BÁSICAS E ESSENCIAIS
PARA COLOCAÇÃO DE FRIENDS**

- 1 - Sempre devemos estar atentos ao termo - WYSIWYG (What you see is what you get - O que você vê, é o que você obtém) na colocação de um friend.
- 2 - Alinhe sempre o friend dentro da fenda com a haste na direção da queda.
- 3 - Com a finalidade de evitar que a peça “caminhe”, causado pelo movimento da corda quando se está guiando, colocar sempre um fita ou uma costura “longa” para que as oscilações da corda não sejam transmitidas diretamente à peça.
- 4 - Sempre que for possível, procure colocar o friend em local visível dentro da fenda/fissura, dessa forma você poderá avaliar o posicionamento das castanhas nas paredes da fenda e a qualidade dessa colocação, facilitando também o trabalho no momento da retirada da peça pelo participante.
- 5 - Faça sempre todo esforço possível para obter uma colocação ideal, tente não se conformar com uma colocação mais ou menos. As castanhas devem sempre estar abertas de 1/4 a 3/4 de sua abertura máxima (figura 1). Sempre que possível, colocá-lo na seção mais uniforme e paralela da fenda e em local que as castanhas não se abram totalmente caso o friend “caminhe” um pouco. Se puder eleger, utilize uma peça maior antes de uma menor, porém, a menos que esteja absolutamente desesperado, jamais force uma peça demasiadamente grande numa fresta pequena, uma vez que as castanhas estejam comprimidas ao máximo, retirá-lo da fenda pode se tornar um trabalho impossível.
- 6 - Jamais confie em uma colocação de friend que fique com as castanhas quase totalmente abertas, nessa situação as castanhas quase não tem mais curso para expandir-se, tornando a colocação completamente instável.
- 7 - Nunca coloque um friend de haste rígida com esta apoiada na borda da fenda (principalmente em fendas horizontais). Em caso de uma queda a haste poderá romper-se com o impacto. Uma forma de amenizar essa situação seria passando um cordelete de kevlar (5,5 mm) no orifício mais interno da haste (figura 2).
- 8 - Invista algum tempo para manusear e praticar a colocação mais delicadas e precárias em locais muito próximo do chão, locais onde você possa ficar testando com o peso do corpo e avaliando a estabilidade das colocações sem riscos de acidentes.



Figura 1

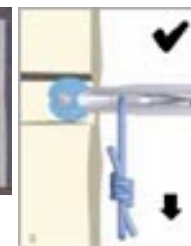


Figura 2

Fontes de Consulta:

- * Anclajes de Escalada - John Long Edição Desnivel - 1996
- * Cams Book - Wild Country - 2004
- * Rock Empire - Robots - 2004

Júlio César Paes de Mello

GARIMPANDO AS RIQUEZAS DAS MINAS GERAIS

Lá estava no nosso CERJ uma prancheta bem interessante, final de semana de 15 e 16 de maio, uma caminhada ao Pico Itacolomy e passeio na cidade histórica de Ouro Preto - MG. Fomos na caravana eu, Telma, amiga Marinete e Gerardo. Todos no comando da nossa guia Miriam BAMO-BAMO. Lá pela uma hora da manhã chegamos na pousada "Vila Rica", onde o Brasil e a Ana, que viajaram na frente, já dormiam. Contrariamente ao que nos haviam reportado, não existia frio e a madrugada estava deliciosamente fresquinha. A Pousada era um casarão antigo, numa parte, parecia um labirinto. Se não prestássemos atenção na direção, acabaríamos na senzala.

Sábado, não muito cedo, tomamos nosso café, com direito a uma bicada no chimarrão do Gerardo e fomos procurar o início da trilha que nos levaria ao Pico Itacolomy. O dia estava favorável para a caminhada e a trilha bem aberta não apresentou maiores dificuldades, o que nos possibilitou curtir bastante o visual. Depois de passarmos por uma bela cachoeirinha, começamos a chegar perto do complexo de pedras que compõe o Pico. Subimos mais um pouco e após mais ou menos duas horas e meia de caminhada, logo depois de uma curva, como um presente especial, se descortinou um visual incrível, superior ao que esperávamos. Não era somente um pico e sim diversos outros grupos de pequenos picos que nos deixavam na dúvida sobre qual escolher. A cada que subíamos, o visual era maravilhoso. Plagiando o nosso amigo Rodrigo, um SHOW! De repente eis que o tempo começou a fechar e dentro do prazo estabelecido pela nossa Guia, começamos a nos preparar para a descida, que fluiu tranquilamente, entremeio a pequenas paradas para admirarmos o Pico. De certo ângulo, parecia um forte e as diversas pedras, apontadas pareciam canhões. Passando de novo na cachoeirinha, quem se habilitou deu um mergulho nas águas bem frias.

Domingo, café da manhã e partimos a seguir ao tão esperado passeio pela cidade. Museu dos Inconfidentes, Igrejas e Mina de Ouro do Chico-Rei. Confesso que acabamos enfeitados pelo Itacolomy. Em cada ponto da cidade que chegávamos o encontrávamos em ângulo diferente, como se olhasse para nós. Estávamos felizes e contentes, éramos todos cúmplices, pois no dia anterior, vivemos lá uma parte da nossa história. Por volta de duas horas, partimos em direção a uma pequena cidade que se chama Lavras Novas. Não estava no roteiro, mas o Brasil nos convenceu apelando pelo paladar. Eram as batatas recheadas do restaurante do Sr. Domingos. Haviam lhe dado tal informação. Lá fomos nós, agora, com pensamentos voltados somente para batatas recheadas! A cidadezinha é linda, bucólica. Vale a pena conhecer. Mas não pense em comer batatas. No que pese a simpatia do Sr.

Domingos e a boa comidinha caseira do seu restaurante, batatas recheadas não existem por lá. Voltamos para o Rio por Ouro Branco e enquanto o carro era abastecido, assistíamos magicamente, como bem falou nossa amiga Marinete, "A última fatia do dia" que eram os últimos raios de sol que douravam, em fatias num lindo céu azul.



Tara Anibollete

PICO GRANDE DE MAGÉ

Sábado dia 01 de maio de 2004, dia glorioso, inesquecível. Dia de montanhas e amigos. Saída do Rio às 6:15 em direção ao Pico Grande de Magé, uma super pirâmide localizada em Santo Aleixo, Magé. As pessoas confundem Santo Aleixo, achando que lá não existe nada de mais, que é baixada Fluminense. Lá é Parque Nacional, existe uma super Mata Atlântica PRESERVADA, e é um dos últimos recantos intocados, maravilhoso.

Seguimos para esse paraíso eu, os Cecenses Alfredo Neto, Sérgio Bula e o Hernando, mais os Cerjenses Paula, Constantino, Elias, Velho, Gerardo e Miriam Bamos. Dizem que nós homens somos machistas, mas o preconceito parte também DAS MULHERES: três meninas desistiram da excursão. Ah, mas temos nossas rainhas, Paula (sempre ela) e a Miriam Bamos. Um pouco de dificuldade para achar a estradinha que vai para o sítio do Carlos Lordeiro. Achamos o caminho e quando este piorou, decidimos largar os carros e seguir a pé e aí entrou em ação o croqui do Mário Senna, que nos ajudou em muito. O sítio do cara é um paraíso e à medida que caminhávamos pela estradinha de terra ficávamos maravilhados com o visual da região. Bom, começamos a caminhar às 8:20 e logo achamos a trilha, algumas erradas, mas com o tempo fomos acertando. A subida é bem em pé e não tem descanso. Passamos o primeiro costão sem dificuldades. O estranho é que no início da trilha, quando ela é bem aberta, todo mundo pegou o facão, depois que fechou, todo mundo guardou o facão! O Constantino que tirou a maior onda, assim que tirou o seu facão já se cortou. "Wal...tem band-aid?!?!?" Voltando à nossa subida, já no final, tem dois lances pequenos de rocha para vencer, com vegetação sumária e sem grampos, ou seja, segurança de ombro. No primeiro lance, o Bula calçou a sapatilha e guiou com minha segurança de ombro. Passando pelo lance ele armou uma fixa para a galera. No segundo lance, um pouco mais exposto, fui eu. Bula me deu uma segurança perfeita e fui me arrastando, bem de leve, passando o lance. Fixamos a corda para a galera, e mais quinze minutos de trilha, chegamos ao cume. Na primeira leva, eu, Paula, Elias, Velho e Alfredo, chegamos ao cume às 14:40 horas. 6 horas e meia de subida! Estávamos emocionados. O cume é de vegetação, porém, uma pedra fazendo um altar, nos proporciona um visual de 360° em um dia bellissimo! Toda aquela mata, Agulha Itacolomy, Cobiçado x Ventania, Pico do Tridente, Eco, várias montanhas virgens, espetáculo. Emocionados, nos abraçamos em círculo e começamos a gritar de tanta emoção. Fotos e mais fotos. Logo em seguida começou a chegar a outra galera, mais fotos e um lanche rápido. Deixamos no livro de cume um mapa da região que o Elias trouxe e mais nossas assinaturas, constando é claro o nome do nosso queridíssimo CERJ. Temos que descer, pois ficara tarde. Início da descida às 15 horas. Perdemos algum tempo nos rapeis. A descida transcorreu sem maiores problemas, só que um pouco lenta. Pegamos noite logo depois de passarmos o último costão, já mais embaixo. O fim foi dramático, pois a trilha não é pisada, e tínhamos que procurar com nossas lanternas as fitinhas do Mário Senna nas árvores. Eis que uma enorme pedra se desloca, resvala na minha perna e cai em cima do meu pé. "Quebrei o pé, quebrei o pé" gritei desesperadamente. Tirei a bota e percebi que todos os dedos mexiam e aparentemente nada quebrou apesar da enorme dor. Enfim conseguimos sair daquele desespero. Na estradinha de carro, caminhando, a lua nos brindou com um super visual. Carros, e jantar no Alemão. Cheguei em casa às 23 horas bem, porém, com o pé inchado e doendo. Valeu a todos que se portaram super bem na caminhada, ao Bula que deu uma força a mais e pelo bom humor e entrosamento de todos.

Waldcey Mathias Lucena